

Apresentação

O número 25 da revista **Scripta** se propõe, mais uma vez, reunir pesquisadores de várias universidades, brasileiras e estrangeiras, que se propõem refletir sobre dois temas contemporâneos: “Raça, cor e etnia na cultura/literatura” e “Literaturas africanas de língua portuguesa”.

Os textos que compõem o Dossiê “Raça, cor e etnia na cultura/literatura” discutem algumas representações imaginárias de negros e mestiços presentes na literatura brasileira, contrapondo-as às formas de resistência articuladas por escritores brasileiros que se nomeiam afro-descendentes, os quais trazem, para a cena do texto literário, o debate sobre a questão racial, conforme ela se apresenta no Brasil.

Abre o Dossiê um texto da escritora Conceição Evaristo, já bastante conhecida no Brasil e no exterior, propondo algumas reflexões sobre o ato de fazer, pensar e veicular o texto literário negro. Em “Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, a escritora e crítica literária dá evidência à invenção, por escritores brasileiros descendentes de africanos, de formas de resistência à violação e à interdição do negro, impostas pelo sistema escravocrata do passado e pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, realçando as marcas profundas que essas formas de resistência imprimem na nação brasileira.

Suas reflexões encontram reforço em vários dos estudos que compõem o Dossiê. A exemplo, Édimo de Almeida Pereira, em “O discurso de exclusão do negro no Brasil”, analisa alguns aspectos do discurso elaborado por grupos dominantes com o objetivo de desconstruir a identidade do homem negro em sociedades marcadas pela herança da escravidão. Com acuidade, o autor aborda, também, o discurso de reação do sujeito negro a essas forças de exclusão, tomando como referência a face politicamente engajada da obra do poeta afro-brasileiro Adão Ventura. Ana Beatriz Gonçalves, em “Processos de re-definição na poesia de Conceição Evaristo”, investiga a construção de uma identidade feminina afro-brasileira a partir da obra da própria Conceição Evaristo. Segundo a pesquisadora, mesmo na língua falada no Brasil, na expressão “mulher negra”, o adjetivo negro contém um significado implícito de sujeira, melancolia, condenação, etc., fato revelador de que princípios de equidade não fazem parte da rotina da mulher afro-brasileira: elas ainda efetuam trabalhos com a mais baixa remuneração, e ainda que muitas tenham concluído um curso superior, o mercado as rejeita devido à sua aparência.

Por isso, a estudiosa investiga, na obra de Conceição Evaristo, os processos por meio dos quais a escritora afro-brasileira elabora suas múltiplas identidades, ou seja, sai da invisibilidade para transformar marginalização em poder.

A discussão de processos de resistência indica que esses devem ser lidos em contraponto com uma tendência ainda presente na literatura brasileira, qual seja a de abordar as representações de negros e mestiços na perspectiva do reforço de estereótipos que, historicamente, demarcaram os lugares de exclusão do negro na sociedade. É o que mostra Eduardo de Assis Duarte em “Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade”, quando estuda a literatura brasileira focalizando a figuração literária da mulata como animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução. O crítico observa, em especial, o fato dessa representação deixar visível, em muitas de suas edições, um sutil aleijão biológico: a infertilidade, que, de modo sub-reptício, implica em abalar a própria ideia de afrodescendência. Reforça o estudo da permanência desses estereótipos na literatura brasileira o estudo de Leonardo Grossi Alvarenga, “Transitoriedade e liquidez: o lugar mestiço em **Luanda Beira Bahia**”, que analisa o romance de Adonias Filho refletindo sobre o “lugar mestiço” na sociedade brasileira contemporânea, tendo como base algumas teorias desenvolvidas por autores como Zygmunt Bauman e Dalmir Francisco.

A partir dessas reflexões, fecha o Dossiê o estudo de Heloisa Pires Lima, “Entre a orelha, a língua e a mão: a origem africana para o leitor infantil e juvenil”, que propõe uma reflexão acerca do tema raça, cor e etnia na literatura produzida no Brasil e na África de língua portuguesa, direcionada para o circuito editorial voltado para o leitor infanto-juvenil. Considerando o fato de que as imagens, ao embutirem modelos de humanidade, constroem identidades sociais, a pesquisadora chama a atenção para uma necessária mudança de percepção acerca da origem africana e defende o diálogo entre autores do Brasil e da África como mecanismo para a garantia da especificidade africana nas representações direcionadas para o público infanto-juvenil.

Espera-se, com o conjunto dos textos, criar condições para se reavaliar quadros de referência, condições explicativas, polêmicas e discussões acerca da questão racial no Brasil, contribuindo para o aprimoramento de fundamentos teóricos que permitam a criação de condições para a intervenção, na realidade social, daqueles segmentos sociais representados pela população afro-descendente.

O Dossiê “Literaturas Africanas de língua portuguesa” traz interessantes abordagens das literaturas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique.

Alberto Oliveira Pinto, em “**A velha magra da Ilha de Luanda**, de Emílio de San Bruno e a memória silenciada do nativismo e do degredo na colonização de Angola”, analisa o romance escrito e publicado em Portugal em 1929, que versa sobre Angola no século XIX, procurando mostrar como uma obra literária pode servir à operação de silenciamento da memória coletiva e, ao mesmo tempo, romper os silêncios da história que impendem sobre a memória do nativismo e do degredo na colonização de Angola. Érica Antunes Pereira, em “Secreta encruzilhada: duas vozes femininas que (se) (trans)formam (n)a poesia angolana”, analisa a poesia de Alda Lara e Paula Tavares procurando comprovar que a mulher, portadora de uma voz aparentemente silenciosa e marcada pelo cotidiano, pode se inscrever no espaço social e (trans)formá-lo. Destaca, em sua análise, a tensão entre o *status quo* – a tradição – e a ação *sponte sua* – a modernidade – que permeia o universo feminino angolano e faz dele uma “secretá encruzilhada”, ou seja, o produto de um exercício cíclico e dialético entre o ser e o estar, a formação e a transformação. Maria Belém Ribeiro, em “Alvalade ou Catambor? Entre o pós-moderno e/ou pós-colonial. Uma leitura de **Predadores**, de Pepetela”, desvela como o autor angolano denuncia as causas da falência da ideologia que esteve na base das lutas de libertação e reflete sobre o fato de que, atualmente, Angola continua a viver esse estigma provocado pelos predadores que ambicionam o poder e controlam todas as esferas políticas, sociais e econômicas do país. E Mário César Lugarinho, em “Investigações pós-coloniais: Pepetela e Francisco José Viegas”, estuda a produção dos escritores Francisco José Viegas, português, e Pepetela, angolano, procurando observar como, no alvorecer do século XXI, ambos promoveram, em suas obras, o encontro não apenas de temas comuns, mas, principalmente, de estratégias semelhantes, inaugurando o século com narrativas que, de certa forma, representam uma ruptura com a obra que haviam desenvolvido até então.

Simone Caputo Gomes, em “Do dilema do primeiro romance caboverdiano à produção contemporânea”, apresenta-nos a marca da cultura tradicional de Cabo Verde na apreensão literária exótica de José Evaristo D’Almeida. Analisando, no romance **O escravo** e na literatura pós-independência, o *batuku* como patrimônio imaterial crioulo, a pesquisadora conduz o leitor da visão da barbárie à afirmação da identidade nacional, flagrando a mais antiga manifestação cultural de Cabo Verde conforme ela é registrada pela paleta literária de Corsino Fortes, Onésimo Silveira, Vera Duarte, entre outros. Maria Teresa Salgado, em “O conto caboverdiano hoje: narração, memória e ironia”, enfoca a antologia do conto inédito caboverdiano **Tchuba na desert**, publicada em 2006, destacando os papéis que a memória, a ironia e o próprio ato de narrar desempenham na obra.

Juliana Cristina Salvadori, em “Safando a **Mistida**: deslizamentos entre trilogia, romance e palavra”, propõe uma leitura de **Mistida**, romance do autor guineense Abdulai Silá, baseada em algumas estratégias narrativas por ele empregadas. Uma dessas estratégias é a intertextualidade com os romances anteriores – **A última tragédia** e **A eterna paixão** – aspecto que dá a **Mistida** papel estruturador no arranjo arquitetônico da trilogia de mesmo nome. Para a pesquisadora, este é um aspecto importante na constituição da tessitura narrativa do romance, que retoma e atualiza as estórias e memórias dos protagonistas dos romances anteriores. Tal aspecto arquitetônico espelha-se na constituição da obra, estruturada em três planos narrativos paralelos que se encontram no capítulo final, o décimo. Outra estratégia identificada pela estudiosa é aquela que Guatarri e Deleuze definiram como típica de uma literatura menor, a de desterritorializar uma língua maior, neste caso uma língua europeia – a portuguesa –, oficial, mas de pouca circulação entre a população em geral, e reterritorializá-la a partir das referências dessas outras culturas locais, sinalizando que algo sempre fica de fora do sistema dito maior.

Wagner Moreira, em “**Lidemburgo blues**, a palavra para o ausente”, analisa o livro de poesias de Luís Carlos Patraquim, publicado em 1997, na cidade de Lisboa, procurando refletir sobre a produção poética como exercício imaginário que perpetra certa crise da representação. Para o pesquisador, ao se verificar a vizinhança estabelecida pelos poemas com a temática da morte, percebe-se a ênfase no aspecto de falência que contamina a imagem poética, o que se revela como um estado de fendimento da escrita de Patraquim. Marcelo Antonio Ribas Hauck e Roberta Maria Ferreira Alves, em “Mestre ou aprendiz: faces de um narrador”, discutem uma das inúmeras possíveis leituras sobre as estratégias utilizadas por Mia Couto, no romance **Terra Sonâmbula**, para criar sujeitos que contam estórias. Os estudiosos destacam que o comportamento dos narradores do romance é marcado por viagens e mutações ininterruptas, além de constituir-se, a narrativa, como uma literatura atravessada por elementos insólitos, em um trabalho minucioso com a linguagem e em constante diálogo com a tradição moçambicana.

A **Scripta** 25 traz, como de costume, novidades literárias nas resenhas dos livros **Assomada nocturna** (Poemas de N’Zé di Sant’y Agu), de José Luís Hopffer Almada; **O alegre canto da perdiz**, da escritora moçambicana Paulina Chiziane; **Literaturas africanas de língua portuguesa**: percursos da memória e outros trânsitos, de Maria Nazareth Soares Fonseca; **Natália**, de Hélder Macedo; **A mulher em África**, organizado por Inocência Mata e Laura Cavalcante Padilha e **Escrevedor de destinos**, de Nelson Saúte.

A publicação de mais um número da **Scripta** permite acreditar na longevidade deste periódico e em sua contribuição para ampliar as importantes reflexões sobre as literaturas de língua portuguesa no meio acadêmico brasileiro e internacional.

Maria Nazareth Soares Fonseca
Terezinha Taborda Moreira